

Experiências do leitor literário contemporâneo: plataforma da cultura e bibliodiversidade

Larissa Dantas (IFB/UnB)

Orientadora: Profa. Dra. Regina Dalcastagnè

Apresentação

Em *Não contem com o fim do livro* (2010), Umberto Eco e Jean-Claude Carrière discutem o destino do livro e em meio ao avanço vertiginoso das tecnologias digitais, destacando que, apesar das transformações promovidas pela cibercultura, a materialidade do objeto ainda permanece presente. Longe de desaparecer, ele se mantém atuante, compartilhando espaço com outras linguagens — como o cinema, a televisão, os *e-books* e os *streamings* — em um ecossistema midiático cada vez mais diversificado. A discussão sobre sua sustentabilidade permanece relevante e demanda uma abordagem que ultrapasse a ênfase no suporte físico, focando sobretudo na relação entre a obra e seus leitores. Essa relação, no entanto, torna-se mais complexa diante das novas formas de mediação e das transformações nas dinâmicas de circulação e consumo cultural, especialmente no contexto da economia de plataforma que afeta o campo literário brasileiro. Nesse cenário, este trabalho propõe refletir sobre a produção literária contemporânea, examinando como os processos de plataforma influenciam o acesso dos leitores às obras literárias e como suas experiências com os livros podem estar limitadas à matematização do gosto (Alexander, 2016, apud Davis, 2024, p. 94) e ao controle do imaginário (Costa Lima, 2009).

Plataformização e ecossistema do livro: quem controla a experiência do leitor?

A economia da plataforma, conduzida pelas *big techs*, tais como as corporações GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft), baseia-se em um modelo de negócios estruturado na participação dos usuários, no uso de *big data*, algoritmos e inteligência artificial preditiva (Davis, 2024, p. 89). Essa forma de atuação parece aprisionar as escolhas do leitor porque “revela o estado de tensão entre a atualização do imaginário e os valores que irrigam o corpo social” (Costa Lima, 2009, p.19). O aspecto mais preocupante desse cenário, em que grande parte do ecossistema do livro está inserido, é que o controle do imaginário se dá sob a aparência de escolha pessoal, como se as plataformas conhecessem melhor que os próprios leitores seus desejos — um controle disfarçado de democracia, como já advertia Siegel (2008, apud Rüdiger, 2011, p. 57). A plataforma também exerce vigilância sobre hábitos e comportamentos de usuários ao redor do mundo, utilizando-se da coleta de dados e na sua conversão para métricas de consumo.

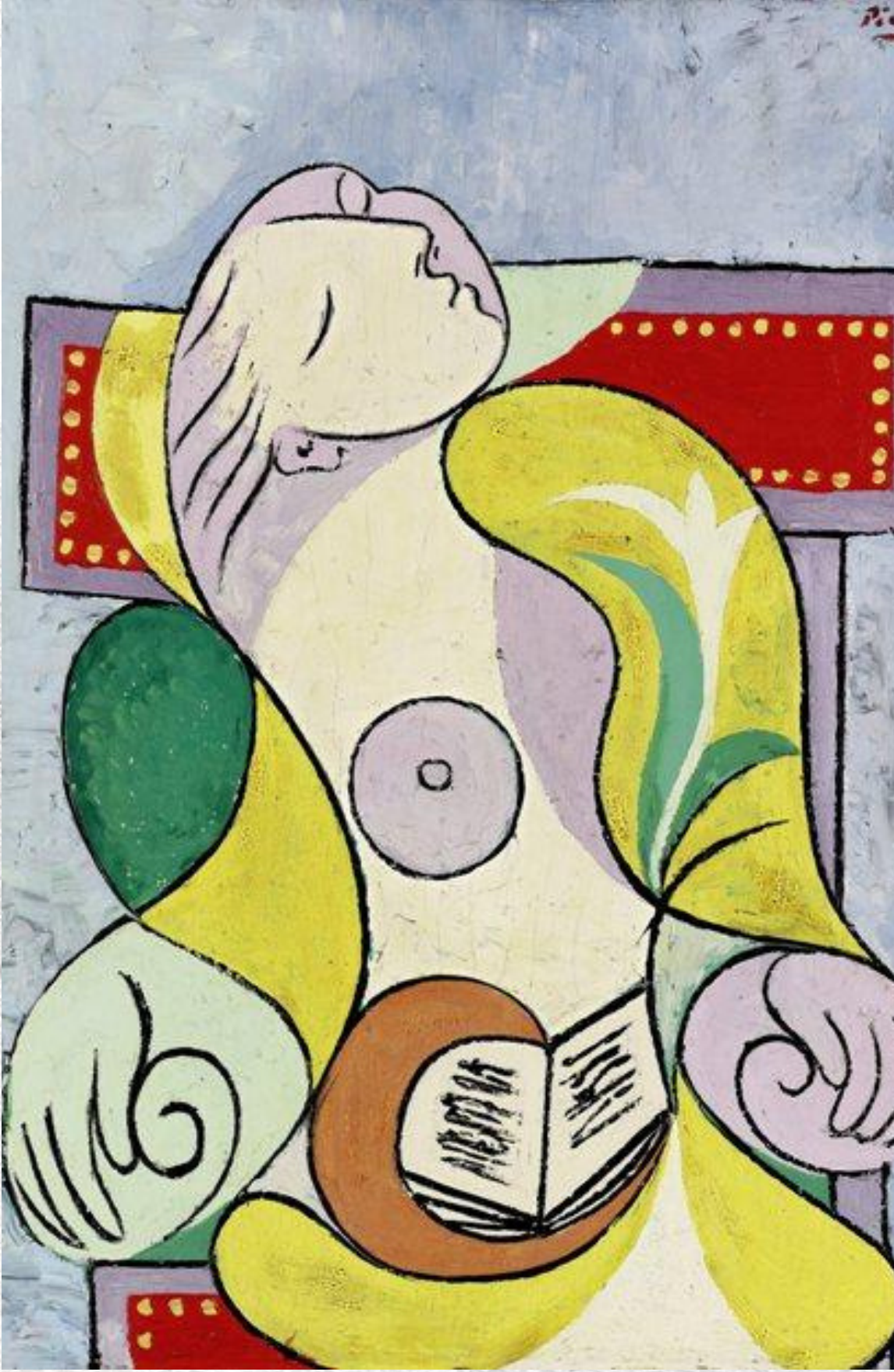
No ecossistema do livro, a Amazon se destaca como a principal corporação digital a reorganizar a produção cultural por meio da plataforma, empregando processos como reposicionamento, transmutação, cercamento, vigilância e captura (Davis, 2024). Tais mecanismos não apenas reconfiguram o campo literário, como também permitem à empresa estabelecer um campo editorial próprio e proprietário (McGurl, 2016, apud Davis, 2024). Nesse cenário, o comportamento do leitor passa a ser parametrizado: as plataformas deixam de ser meras intermediárias e tornam-se atuantes, moldando práticas sociais (van Dijck, 2013, apud Davis, 2024), substituindo a mediação crítica por algoritmos e dados baseados nos traços sociais dos usuários — um fenômeno descrito por Neta Alexander (2016, apud Davis, 2024) como “matematização do gosto”. Como resultado, estabelece-se uma sociedade de consumo controlado, centrada nas necessidades do cliente, e não na experiência do leitor. Diante disso, reafirma-se que o direito do leitor é o de acessar uma diversidade de obras literárias e de ficção, como forma de garantir o exercício do pensamento, da curiosidade e da exigência poética (Petit, 2013, p. 23).

Bibliodiversidade e pluralidade das experiências leitoras

Com o novo paradigma instaurado pelo capitalismo de plataforma ultrapassando os limites de compromissos sociais e éticos, o campo literário e editorial tende à lógica do lucro. Embora não se proponha uma crítica direta ao fetichismo de mercado, porque se sabe da dificuldade de manter editoras e livrarias no Brasil, as reflexões apresentadas tangenciam essa problemática. Questiona-se, assim, o futuro de leitores privados do contato direto com livros, de forma institucionalizada ou não, e cujas experiências de leitura passam a ser mediadas por algoritmos, monitoramento e recomendações baseadas em dados. Trata-se de um contexto em que a imaginação é controlada e os imaginários são aprisionados, revelando, como aponta Costa Lima (2009, p. 14), uma crise visível quando as instituições ou a sociedade que os sustentam se encontram ameaçadas. A crise em questão é ética e de responsabilidade, marcada pela substituição de valores humanos pela lógica dos dados. Portanto, um ecossistema do livro diverso é parte de uma experiência leitora plural. Por isso, ao livro, já que vivo, é necessário garantir que se aventure no seu papel de humanização e conexão com a nossa existência, na esfera íntima e pública, “onde podemos desenhar nossos contornos, começar a traçar nosso próprio caminho e nos desprender um pouco do discurso dos outros ou das determinações familiares e sociais” (Petit, 2013, p. 109).

Referências bibliográficas

COSTA LIMA, Luiz. *A autonomia da arte e o mercado*. ARS, São Paulo, v. 2, n. 3, 2004, pp.103-116.
----- *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
DAVIS, Mark. *Cinco processos na plataforma da produção cultural: a Amazon e seu ecossistema editorial*. Vinco - Revista de Estudos de Edição, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, 2024, pp. 87-113. Trad.: Camila Augusta Pires de Figueiredo.
ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010. Trad.: André Telles.
HAWTHORNE, Susan. *Bibliodiversidade: um manifesto pelas edições independentes*. Belo Horizonte, LABED; LED, 2024.
PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013. Trad.: Celina Olga de Souza.
RÜDIGER, Francisco. *A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre cultura de massas*. Matrizes, São Paulo, v. 5, n. 1, julho-diciembre, 2011, pp. 45-61.



Da esquerda para a direita, em sentido horário: Uma jovem lendo, de Jean-Honoré Fragonard (1769); Jeune fille lisant, de Alexei Alexievitch Harmaloff (1878); A leitura, de Pablo Picasso (1932); Woman sitting by a window, de Frantisek Dvorak (1927); e Ragazza che studia, de Antonella Lucarella Masetti (2008).

Organização:



Apoio:

